

A TEORIA FREUDIANA SOBRE A RELIGIÃO: UM PANORAMA INTRODUTÓRIO

THE FREUDIAN THEORY ON RELIGION: AN INTRODUCTORY PANORAMA

FABIANO VELIQ**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, BRASIL

LEμος LUIZ HENRIQUE SILVEIRA***

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA, BRASIL

Resumo: A proposta deste artigo é apresentar a perspectiva de Freud sobre a religião. Para este intuito utilizaremos quatro textos que nos nortearão: “Atos obsessivos e práticas religiosas” (1996), “Totem e tabu” (1999), “O futuro de uma ilusão” (1996a), e “O homem Moisés e a religião monoteísta” (1996b). Ao adotá-los não temos a pretensão de abranger uma crítica total sobre o tema da religião na obra de Freud – para isto deveríamos fazer um estudo minucioso de toda sua obra, o que não é nosso objetivo. Acreditamos que tal trabalho se mostra importante para dar um panorama sobre o pensamento de Freud sobre a religião.

Palavras-chaves: Religião. Psicanálise. Teoria Freudiana.

Abstract: The purpose of this article is to present Freud's perspective on religion. For this purpose we will use four texts that will guide us: "Obsessive Acts and Religious Practices" (1996), "Totem and Taboo" (1999), "The Future of an Illusion" (1996a), and "Moses man and monotheistic religion" (1996b). In adopting them we are not meant to embrace a full critique of the theme of religion in Freud's work - for this we should make a thorough study of all his work, which is not our goal. We believe that such work is important to give an overview of Freud's thinking about religion.

Keywords: Religion. Psychoanalysis. Freudian Theory.

* Artigo recebido em 22/02/2021 e aprovado para publicação pelo Conselho Editorial em 15/04/2021.

** Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3529545789104989>. E-mail: veliqs@gmail.com

*** Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/8224562452210597>. E-mail: luizhls@yahoo.com.br

Introdução

O fenômeno religioso está presente no mundo contemporâneo de forma cada vez mais abrangente e multifacetada. São diversas análises existentes sobre a religião, entretanto, a escolha do percurso apresentado por nós neste artigo tem o objetivo de evidenciar o pensamento de Freud sobre a religião a partir de seus textos mais importantes sobre o assunto. Temos a intenção de oferecer uma análise sobre o tema, contudo, não de forma exaustiva, nem mesmo abarcar todas as nuances do pensamento freudiano sobre o tema da religião, que sabemos, perpassa toda a sua obra. Identificaremos a partir da exposição dos textos é que se pode perceber uma mudança significativa sobre a forma que Freud vê a questão religiosa ao longo da sua vida. De uma ligação muito íntima à neurose obsessiva à fundação da cultura e da vida em sociedade. Dessa forma fica evidente que a religião desempenha em Freud um papel central na sua teoria, e assim como toda a teoria psicanalítica freudiana, a religião também sofreu mudanças de interpretação pelo pai da Psicanálise.

O presente texto tem o objetivo de apresentar de maneira panorâmica tal desenrolar da proposta freudiana evidenciando que o tema da religião perpassa toda a obra de Freud e é encontrado de maneira muito bem delimitada no decorrer de textos específicos. Muito já foi escrito sobre a obra de Freud e o seu debate sobre a religião. No entanto, várias vezes é notória a falta de um texto mais introdutório, ou mesmo mais genérico e tratando menos de minúcias do texto freudiano sobre a religião. Embora reconheçamos o valor de análises mais pormenorizadas sobre um tema tão importante, esse texto não tem essa pretensão específica, mas sim uma apresentação que pode ser de muita utilidade para quem se inicia no pensamento freudiano.

Do ponto de vista introdutório é importante ressaltar que Freud tem como contexto muito nítido a sociedade vienense do século XIX na qual a questão da repressão sexual e um certo puritanismo era muito forte. Dessa forma, a sociedade para quem Freud escreve, o mundo no qual Freud escreve é em grande medida diferente do nosso. Na Viena do século XIX a questão sexual e religiosa eram bastante diferentes. A sexualidade era em grande medida um tabu, ainda mais quando se trata de ouvir o desejo das mulheres, e a religião que Freud tem em mente em suas formulações é a religião judaica (com todos os seus rituais neuróticos) e a religião cristã, na qual a figura de “pai” se torna central, e permite a Freud uma vinculação muito clara entre complexo de Édipo e Religião.

Fica bastante nítido para qualquer leitor mais atento de Freud que a questão religiosa para ele é uma questão tipicamente masculina, de forma que o feminino é amplamente esquecido no debate religioso, e em diversos outros aspectos. Para isso basta-nos lembrar como que Freud sempre tem em mente o sexo masculino em suas formulações. Até mesmo o complexo de Édipo se vincula à presença do falo enquanto órgão sexual masculino.¹

Atos obsessivos e práticas religiosas

Atos obsessivos e práticas religiosas é o primeiro texto de Freud a abordar diretamente o tema da religião e foi proferido pelo autor numa sessão da Sociedade Psicanalítica de Viena, em 06 de janeiro de 1907. Nele são apresentadas semelhanças entre os atos obsessivos e as práticas religiosas (Araújo, 2014): Nas palavras de Freud (1996), já explicita esta semelhança:

Não sou certamente o primeiro a notar a semelhança existente entre os chamados atos obsessivos dos que sofrem de afecções venosas e as práticas pelas quais os crentes expressam sua devoção. O termo ‘cerimonial’, que tem sido aplicado a alguns desses atos obsessivos, constitui uma evidência disso. Em minha opinião, entretanto, essa semelhança não é apenas superficial, de modo que a compreensão interna (*insight*) da origem do cerimonial neurótico pode, por analogia, estimular-nos a estabelecer inferências sobre os processos psicológicos da vida religiosa. As pessoas que praticam atos obsessivos ou cerimoniais pertencem à mesma classe das que sofrem de pensamento obsessivo, ideias obsessivas, impulsos obsessivos e afins. Isso, em conjunto, constitui uma entidade clínica especial, que comumente se denomina de ‘neurose obsessiva’ [Zwangsneurose]. (Freud, 1996, p. 112).

Podemos identificar que no texto o termo cerimonial torna-se fundamental para identificar analogia entre os atos obsessivos e as práticas religiosas, sendo que ambos

1 Há uma espécie de cegueira freudiana sobre a questão feminina, tanto do ponto de vista da análise religiosa, quanto até mesmo do próprio desenvolvimento psíquico da menina. O chamado “complexo de Electra” é mencionado apenas duas vezes na obra freudiana, sendo uma no texto “esboço de psicanálise” [1938/2006 p. 207] e outra vez no texto “Sexualidade feminina” [1931]/2006 p. 237] no qual Freud rejeita o termo formulado por Jung. O termo “Complexo de Electra” formulado por Jung não agrada a Freud, de forma que ele afirma em 1931: “Temos aqui a impressão de que o que dissemos sobre o complexo de Édipo se aplica de modo absolutamente estrito apenas à criança do sexo masculino, e de que temos razão ao rejeitarmos a expressão ‘complexo de Electra’, que procura dar ênfase à analogia entre a atitude dos dois sexos. É apenas na criança do sexo masculino que encontramos a fatídica combinação de amor por um dos pais e, simultaneamente, ódio pelo outro, como rival. No caso dela, é a descoberta da possibilidade de castração, tal como provada pela visão dos órgãos genitais femininos, que impõe ao menino a transformação de seu complexo de Édipo e conduz à criação de seu superego, iniciando assim todos os processos que se destinam a fazer o indivíduo encontrar lugar na comunidade cultural.” (FREUD, Sigmund. 1931/2006 p. 237)

culminam numa neurose obsessiva. Ora, tanto os indivíduos que possuem atos obsessivos como os crentes em seus rituais religiosos possuem cerimoniais ou rituais – repetidos por inúmeras vezes – e negam outras atividades que não aquelas que estão praticando. Estas devem ser executadas minuciosamente e, havendo alguma omissão, geram sentimentos de culpa e ansiedade muito grandes. Para Freud, tais características surgem em ambos os grupos devido a sentimentos ambíguos de desejos e proibições existentes. Em outras palavras, o indivíduo cria o cerimonial como defesa contra o sentimento de culpa derivado dos desejos inconscientes recalçados, diante dos quais está diante e que lhe são proibidos.

Deste modo, podemos observar que existem alguns dados que se assemelham tanto no neurótico obsessivo quanto no religioso. O primeiro cria o cerimonial ou ritual sem conhecer seu significado, o segundo pratica cerimoniais religiosos sem saber sua relevância. A origem da neurose obsessiva de um está atrelada ao recalçamento de um impulso sexual, também a origem da religião no outro está vinculada a exigências pulsionais, mas não de cunho sexual, e sim, devidas às restrições da sociedade e da cultura que impedem os sentimentos egoístas do indivíduo. Por último, da mesma forma que os cerimoniais obsessivos funcionam como formas protetoras e defensivas contra os impulsos sexuais recalçados e da punição, também as práticas religiosas funcionam como formas protetivas e defensivas para os religiosos.

Contudo, mesmo identificando semelhanças entre atos obsessivos e rituais religiosos, Freud afirma suas diferenças: aqueles são provenientes de impulsos sexuais reprimidos; estes, de impulsos instintuais reprimidos. Segundo Freud:

Também na esfera da vida religiosa encontraremos alguns aspectos desse estado de coisas. A formação de uma religião parece basear-se igualmente na supressão, na renúncia, de certos impulsos instintuais. Entretanto, esses impulsos não são componentes exclusivamente do instinto sexual, como no caso das neuroses; são instintos egoístas, socialmente perigosos, embora geralmente abriguem um componente sexual. Afinal, o sentimento de culpa resultante de uma tentação contínua e a ansiedade expectante sob a forma de temor da punição divina nos são familiares há mais tempo no campo da religião do que no da neurose. Talvez devido à intromissão de componentes sexuais, talvez pelas características gerais dos instintos, também na vida religiosa a supressão do instinto revela-se um processo inadequado e interminável. Na realidade, as recaídas totais no pecado são mais comuns entre os indivíduos piedosos do que entre os neuróticos, dando origem a uma nova forma de atividade religiosa: os atos de penitência, que têm seu correlato na neurose obsessiva. (Freud, 1996, p. 115).

Assim, por meio dessas comparações e analogias, podemos concluir que ambos, práticas obsessivas e rituais religiosos, culminam numa neurose obsessiva, como afirma Freud (1996, p.116) “podemos atrever-nos a considerar a neurose obsessiva com o correlato patológico da formação de uma religião, descrevendo a neurose como uma religiosidade individual e a religião como uma neurose obsessiva universal”. Tal afirmação explicita bem a perspectiva freudiana, apresentada neste texto, sobre a religião, considerando-a como neurose obsessiva universal. Deste modo, poderemos ver a seguir, em outros textos, que Freud jamais abandonará tal perspectiva sobre a religião, o que ele mencionará diversas vezes e que irá aprofundar.

Totem e tabu

Totem e tabu foi publicado em 1913. Freud tinha intenção com esse texto de aprofundar seus estudos no tema da religião, que já foram apresentados em 1907, ocasião em que fizera a analogia entre o comportamento obsessivo dos neuróticos e o dos indivíduos religiosos. Há alguns autores como Dominguez Morano e Ricardo Torri de Araújo que consideram *Totem e tabu* o trabalho mais importante de Freud sobre o fato religioso. Esse livro contribui para antropologia social apresentando uma aproximação desta com a psicanálise, quando afirma que a história dos primitivos muito nos interessa porque nosso próprio desenvolvimento apresenta estágios como o deles. Conforme diz Freud (1999, p.12), “se essa suposição for correta, uma comparação entre a psicologia dos povos primitivos, como é vista pela antropologia social, e a psicologia dos neuróticos, como foi revelada pela psicanálise, está destinada a mostrar numerosos pontos de concordância e lançará nova luz sobre fatos familiares às duas ciências”.

Podemos considerar este livro como uma empreitada fundamental para pensar a psicanálise no campo da antropologia social, proporcionando o diálogo entre o campo desta e o da psicologia. Posteriormente, tal estudo contribuiu para o desenvolvimento da teoria freudiana, tornando assim um dos livros fundamentais para teoria psicanalítica. Como afirma o próprio Freud, mesmo identificando deficiências devido ao seu pouco conhecimento, este estudo contribuiu para uma aproximação da psicanálise com outros temas. Segundo Freud:

Estes ensaios procuram diminuir a distância existente entre os estudiosos de assuntos como a antropologia social, a filologia e o folclore, por um

lado, e os psicanalistas, por outro. No entanto, não podem oferecer a ambos os lados o que cada um falta: ao primeiro, uma iniciação adequada na nova técnica psicológica; ao último, uma compreensão suficiente do material que se encontra à espera de tratamento. Devem assim contentar-se em atrair a atenção das duas partes e em incentivar a crença de que uma cooperação ocasional entre ambas não poderá deixar de ser proveitosa para a pesquisa. (Freud, 1999, p. 9).

Esse trabalho foi influenciado inicialmente por Wilhelm Wundt e Carl Gustav Jung e posteriormente teve como fontes Darwin (1981), *The Descent of Man*; Robert Smith (1989), as palestras sobre as religiões dos semitas; J. Atkinson (1903), *A lei primal*; Sir James Frazer, *O ramo de ouro* (1890) e *Totemismo e exogamia* (1910). (Palmer, 2006). Desse modo, o livro *Totem e tabu* se desenvolve em quatro textos: *O horror ao incesto*; *Tabu e ambivalência emocional*; *Animismo, Magia e a onipotência de pensamentos*; *O retorno do totemismo na infância*.

No primeiro texto, *O horror ao incesto*, Freud apresenta sua teoria sobre a origem do totem, no qual faz uma análise dos aborígenes australianos. Identifica aí que este povo se constitui como uma raça distinta e sem vínculos com os demais, mesmos com seus vizinhos mais próximos, como os povos melanésio, polinésio e malaio. Dentre suas especificidades pode-se observar que não constroem casa, não cultivam, não criam animais – apenas domésticos, como cachorros –, vivem apenas do que caçam e das plantas. Sua organização social tribal ocorre através de decisões tomadas por um conselho de anciões que direcionam assuntos comuns dos indivíduos. Poderíamos pensar, pois, que uma sociedade como tal não deveria possuir regras que ordenassem sua formação. Entretanto, existem restrições severas, principalmente às questões sexuais. Aliás, toda organização social deriva desta, ou seja, de evitar relações incestuosas. Assim ocorre o tabu do incesto, nos quais os indivíduos devem buscar parceiros sexuais além de seu grupo social, o que se conhece como exogamia. Essa restrição aos aborígenes australianos está vinculada ao sistema de totemismo, já que estes se constituem em pequenos clãs que possuem seus totens específicos. (Freud, 1999).

O totem, quase sempre, é um animal ou, esporadicamente, um vegetal ou um fenômeno natural como a chuva. É apreciado pelo clã como guardião ou oráculo, a quem não se pode matar ou comer. Destarte, exerce influência sobre os membros, tornando-se o ancestral comum do clã. Promove uma formação social dos membros como se fossem pertencentes a uma só família, proibindo as relações entre si e requerendo a exogamia. Pode-se observar, por isso, que, neste ensaio, Freud apresenta a relação entre exogamia e sistema

totêmico, mostrando que os indivíduos, desde os primitivos, têm medo de suas atitudes incestuosas.

No segundo texto, *Tabu e ambivalência emocional*, Freud (1999) apresenta a similaridade entre as proibições existentes dos sistemas totêmicos e os tabus efetivos dos neuróticos obsessivos:

O ponto de concordância mais evidente e marcante entre as proibições obsessivas dos neuróticos e os tabus é que essas proibições são igualmente destituídas de motivo, sendo do mesmo modo misteriosas em suas origens. Tendo surgido em certo momento não especificado, são forçosamente mantidas por um medo irresistível. Não se faz necessária nenhuma ameaça externa de punição, pois há uma certeza interna, uma convicção moral, de que qualquer violação conduzirá à desgraça insuportável. (Freud, 1999, p. 36).

Podemos, assim, identificar que uma das principais similaridades estabelecidas pelo autor entre os neuróticos obsessivos e os tabus é a crença de que violar estes últimos leva o indivíduo a um desastre. Freud descreve que os pacientes tidos como obsessivos, podem ser considerados como acometidos pela “doença dos tabus”, representando assim a prática de acreditar nos tabus.

Há ainda outras semelhanças entre as sociedades totêmicas e os rituais obsessivos: objetos ou pessoas que estão vinculados ao tabu também se tornam um tabu; todos os tabus podem ser retirados através de rituais de purificação, de expiação e penitência. Para Freud (1999), de forma geral.

Sintetizemos agora os pontos em que a concordância entre as práticas do tabu e os sintomas obsessivos é mais claramente mostrada (1) o ato de faltar às proibições qualquer motivo atribuível; (2) o fato de serem mantidas por uma necessidade interna; (3) o fato de serem facilmente deslocáveis e de haver um risco de infecção proveniente do proibido; e (4) o fato de criarem injunções para realização de atos cerimoniais. (Freud, 1999, p. 38).

Contudo dentre essas características, que estão presentes na relação dos neuróticos obsessivos e os tabus, é a condição de ambivalência que se torna a mais importante, que é o desejo de fazer o que é proibido. Como afirma Freud:

Verificamos que eles apresentavam todos os sinais de serem derivados de impulsos de ambivalentes, quer correspondendo simultaneamente tanto a

um desejo como a um contradesejo, quer atuando de forma predominante em nome de uma das tendências opostas. Se agora conseguirmos demonstrar que a ambivalência, isto é, a dominância de tendências opostas, pode também ser encontrada nas observâncias do tabu, ou se pudermos apontar algumas delas que, como atos obsessivos, dão expressão simultânea a ambas as correntes, teremos estabelecido a concordância psicológica entre o tabu e a neuroses obsessiva naquilo que talvez seja sua característica mais importante (Freud, 1999, p. 45).

Deste modo este sentimento de ambivalência provoca no indivíduo, ao mesmo tempo, desejo e proibição pelo objeto. Por isso o tabu se torna tão contagiante, ele possui em si a lembrança do desejo proibido e o poder de transgressão deste objeto. Nesta direção, Freud aponta que essas restrições são drásticas em virtude de se constituírem das duas leis básicas do totemismo, que são não matar os animais do totem e evitar o incesto, ou seja, as relações sexuais entre os membros do mesmo clã.

Assim, Freud chega às seguintes conclusões nesse texto: primeiro, há fatores psicológicos do tabu nos casos de neurose obsessiva, sendo que em ambos o sentimento de ambivalência está presente. Conseqüentemente, ele aponta que, ao entendermos a cultura primitiva, identificaremos que esta possui características peculiares à humanidade.

No terceiro texto, *Animismo, magia e onipotência dos pensamentos*, Freud inicialmente dá continuidade a entender o que levaria um indivíduo neurótico obsessivo a acreditar em determinados tabus e praticar certos rituais que, se deixados, poderiam culminar em desastres. Ele associa os rituais dos neuróticos às formas primitivas (animismo) e à religião. Para tanto, devemos entender sua forma de compreender e dar significado às definições de animismo, magia e onipotência de sentimentos.

Para descrever sobre o animismo, Freud (1999, p.82), utiliza-se da definição de E. Tylor, “o animismo, em seu sentido mais estrito, é a doutrina de almas e no mais amplo, a doutrina de seres espirituais em real”. Pertence a um modo primitivo de pensamento que acredita que todos os objetos do mundo, animados ou com alma e inanimados ou sem alma, são habitados por seres espirituais. Assim Freud identifica que a raça humana se desenvolveu no decorrer dos milênios a partir de três formas de representação: a animista – na qual a mitologia estava contida –, a religiosa e a científica. A forma animista de entendimento do mundo ainda não era uma forma religiosa, mas nela estavam presentes características das quais as religiões foram criadas, ou seja, acreditar em seres inanimados e sobrenaturais.

Referente à compreensão de Freud (1999), sobre a magia, afirma que já o sistema animista possuía um conjunto de instruções e técnicas de como ter domínio sobre as coisas,

pessoas, animais e espíritos, conhecidos como feitiçaria e magia. Eis sua distinção de feitiçaria e magia:

A feitiçaria seria, então, a arte de influenciar espíritos tratando-as da mesma maneira como se tratariam seres humanos em circunstâncias semelhantes: apaziguando-os, corrigindo-os, tornando-os propícios, imitando-os, roubando-lhes o poder, submetendo-os à nossa vontade – através dos mesmos métodos que se têm mostrado eficazes com homens vivos. A magia, por outro lado, é algo diferente: fundamentalmente, ela despreza os espíritos e faz uso de procedimentos especiais e não de métodos psicológicos do dia-a-dia. É fácil imaginar que a magia é o ramo mais primitivo e mais importante da técnica animista, porque, entre outros, os métodos mágicos podem ser aplicada também a casos onde, segundo nos parece, o processo de espiritualização da natureza ainda não foi realizado. (Freud, 1999, p. 85).

Freud ocupa-se da magia como importante para o entendimento da religião, adotando o posicionamento de Frazer, que a classifica em dois grupos, imitativa e contagiosa. A magia imitativa, ou homeopática, parte do princípio da semelhança entre o ato executado e o resultado esperado. A magia contagiosa possui como premissa o fator de contiguidade, que supõe uma conexão espacial, mesmo que seja pela contiguidade imaginada. Freud (1999), entende que, na magia, o importante é conter os dois princípios essenciais, semelhança e contiguidade, que possui o objetivo de dominar a associação de ideias.

É de se notar ainda que os dois princípios de associação – semelhança e contiguidade – estão incluídos no conceito mais amplo de “contato”. A associação por contiguidade é contato no sentido literal; a associação por semelhança o é no sentido metafórico. O emprego da mesma palavra para os dois tipos de relação é, sem dúvida, explicado por uma identidade nos processos psíquicos em causa, identidade que ainda não foi por nós apreendida. Temos aqui o mesmo alcance de significado da ideia de “contato” que encontramos em nossa análise do tabu. Para resumir, pode-se dizer, então, que o princípio que dirige a magia, a técnica da modalidade animista de pensamento, é o princípio da “onipotência de pensamentos”. (Freud, 1999, p. 92).

Freud usa o termo onipotência de pensamentos para referir-se ao processo mental de criar um mundo extra-real ou fantástico, que envolve um declínio da relação com a realidade, no intuito de controlar ou transforma-la. Este fato é identificado, em suas características, tanto nos neuróticos quanto nas práticas mágicas contidas no animismo.

No decorrer do texto, Freud dá continuidade à afirmação acima e ainda acrescenta que a religião também possui a mesma forma, o que o faz apresentar uma conexão entre os neuróticos, animismo e religião. Na concepção freudiana, todas estas modalidades apresentam como características a valorização dos processos mentais na intenção de controlar e transformar a realidade, utilizando-se do princípio da magia como fuga para não se deparar com os desejos proibidos, causadores de remorsos.

A conclusão é de que a neurose obsessiva, por se constituir de práticas que visam o controle, transformação e fuga da realidade, possui o princípio da magia que está presente no animismo. Do mesmo modo, a religião por também ter as mesmas práticas, como a crença em seres espirituais, torna-se fruto do animismo. Ambas, por se constituírem de tais práticas, também pertencem a uma forma de neurose obsessiva. Portanto, pode-se afirmar que a religião é para Freud como uma neurose obsessiva universal.

No quarto e último texto, *O retorno do Totemismo na Infância*, Freud (1999, p.109), retorna a questão do totemismo identificando similaridades do sistema totêmico com a organização social e a religião: “O totemismo, assim constitui, tanto uma religião como um sistema social”. Como dimensão religiosa, apresenta-se como forma de respeito e proteção entre o homem e seu totem; como organização social, organiza as relações dos integrantes do clã, uns com os outros, e destes com os clãs diferentes.

No intuito de explicitar o sistema social totêmico como uma fase regulatória em todas as culturas, Freud segue o estudo de Frazer, *Totemismo e exogamia* (1910), no qual retrata a importância do totem em um determinado clã e a necessidade da exogamia, como forma de respeito. Não só dá continuidade ao pensamento de Frazer, como acrescenta-lhe a teoria da horda primitiva de Darwin como uma forma totêmica. Conforme Darwin, os homens primitivos possuíam um estilo de vida semelhante ao dos símios superiores, que viviam em grupos ou hordas pequenas, reinadas por um pai soberano que possuía muitas mulheres e filhos. Somente o chefe dominante poderia possuir diversas mulheres da horda, obrigando seus filhos a procurarem parceiras sexuais além da tribo. Todos concordavam com tal posicionamento, no qual o chefe detinha quantas mulheres pudesse cuidar e sustentar e os machos mais novos eram expulsos, para constituir assim também suas próprias hordas.

Freud argumenta que Atkinson foi o primeiro a perceber que a restrição da horda primitiva demonstrada por Darwin, a exogamia, abrangia principalmente os indivíduos do sexo masculino, como forma de não colocar em risco a autonomia do macho dominante e não permitir que houvesse nenhuma relação sexual dentro do totem, o que posteriormente

culminou numa regulamentação totêmica rigorosa. Ele então compartilha do entendimento destes autores e acrescenta à teoria da horda primitiva a “refeição totêmica”, apresentada por Robertson Smith em seu livro *As religiões dos Semitas*, publicado em 1889. Nele, o autor identifica o ritual da refeição totêmica como fundamental no sistema totêmico e para antigas religiões. Esta se constituía de uma refeição anual, cerimônia pública celebrada por todo clã, na qual o animal-totêmico era sacrificado e compartilhado entre os membros dos clãs, o tornava o ato, ou assassinato, legal, já que todo o clã compartilhava do sacrifício.

Assim Freud se utiliza das teorias de Darwin, Atkinson e Smith e estabelece o seguinte entendimento: O pai primordial da horda foi morto pelos filhos que, por inveja dele desfrutar do poder e das mulheres, assassinam-no – eles o têm, ao mesmo tempo, como inimigo, instituidor da ordem, e ideal, pois todos querem ser como ele – levando ao fim da horda patriarcal. Devido ao sentimento de culpa pelo parricídio e pela incapacidade de assumir a posição do pai, os filhos criam um clã de irmãos, no qual passam a praticar a exogamia como expiação de sua culpa. Repelindo, assim, o motivo da morte paterna, criam um totem como substituto do pai. Com isso, a celebração anual da refeição totêmica tornou-se a comemoração do crime do pai.

A partir dessa afirmação, Freud identifica uma relação do totem com o pai e associa o totemismo com o complexo de Édipo, entendendo que, da mesma forma que os filhos da horda primitiva criavam totens pelo sentimento de culpa, as crianças costumam deslocar seu medo do pai para animais. Freud faz tal consideração ao observar o caso do pequeno Hanz que desenvolveu fobia por cavalos devido à atitude competitiva do pai em relação à mãe, o que lhe resultou num sentimento ambivalente de admiração e medo, por sofrer do complexo de Édipo. Hanz sistematiza esta ambivalência emocional que se refere ao pai deslocando-a para o animal, substituto da figura paterna. Entretanto, Hanz não resolve o problema, apenas substitui seu objeto. Agora, a admiração e o medo do pai direcionam-se para o cavalo, que precisa ser sacrificado, mas que é proibido. Quando isso ocorre, gera-se uma ocasião festiva, mas também lastimosa, devido á culpa. A resultante é uma forma de ritual totêmico que substitui os sentimentos em relação ao pai para o animal.

Freud (1999), identifica nesta analogia entre o totemismo e o complexo de Édipo que aí estão presentes dois tabus, o homicídio e o incesto, ou transgressões contra membros do mesmo clã ou família.

O pai morto tornou-se mais forte do que fora vivo – pois os acontecimentos tomaram o curso que com tanta frequência os vemos

tomar nos assuntos humanos ainda hoje. O que até então fora interdito por sua existência real foi doravante proibido pelos próprios filhos, de acordo com o procedimento psicológico que nos é tão familiar nas psicanálises, sob o nome de ‘obediência adiada’. Anularam o próprio ato proibindo a morte do totem, o substituto do pai; e renunciaram a seus frutos abrindo mão da reivindicação às mulheres que que agora tinham sido libertadas. Criaram assim, do sentimento de culpa filial, os dois tabus fundamentais do totemismo, que por essa razão, corresponderam inevitavelmente aos dois desejos reprimidos do complexo de Édipo. Quem quer que infringisse esses tabus tornava-se culpado dos dois únicos crimes pelos quais a sociedade primitiva se interessava. (Freud, 1999, p. 147).

Assim podemos ver que Freud dá um passo na direção de associar a religião ao sistema totêmico e ao complexo de Édipo, através dos dois tabus, o homicídio do pai e o incesto. Primeiramente aponta uma semelhança entre o sistema totêmico e o complexo de Édipo, que é o desejo da morte do pai, devido à proibição do incesto, e que resulta na culpa. Não obstante, é festejada quando na comemoração do ato criminoso através da refeição totêmica. Posteriormente, Freud (1999), faz afirmação de que o totemismo é a primeira forma de religião, ao se basear no tabu do homicídio do Pai. Assim, o animal-totem torna-se a primeira forma de substituto do pai e, pela veneração do totem, os filhos poderiam demonstrar seu remorso pela culpa do assassinato paterno.

A pretensão de ser o totemismo considerado como uma primeira tentativa de religião baseia-se no primeiro desses dois tabus: o referente a tirar a vida do animal totêmico. O animal impressionou os filhos como um substituto natural e óbvio do pai; mas o tratamento que se impuseram dar a ele expressava mais do que a necessidade de exibir o remorso. Podiam tentar, na relação com esse pai substituto, apaziguar o causticante sentimento de culpa, provocar uma reconciliação com o pai. O sistema totêmico foi, por assim dizer, um pacto com pai, no qual este prometia-lhes tudo o que uma imaginação infantil espera do pai, - proteção, cuidado, indulgência – enquanto que, por seu lado, comprometiam-se a respeitá-lo a vida, isto é, não repetir o ato que causara a destruição do pai real. O totemismo, além disso, continha uma tentativa de autojustificação: ‘Se nosso pai nos houvesse tratado da maneira que o totem nos trata, nunca nos teríamos sentido tentados a matá-lo’. Desta maneira o totemismo ajudou a amenizar a situação e tornou possível esquecer o acontecimento a que devia sua origem. (Freud, 1999, p. 148).

Ora, as características que predominam nos três sistemas (totemismo, religião e Complexo de Édipo) são, portanto, a culpa e a substituição do pai pelo animal-totem. Contudo, são de formas diferentes. O totemismo e a religião vivenciam a culpa pelo

assassinato e sua substituição pelo animal – totem como reparação deste sentimento de culpa e remorso, anseio do Pai ideal como substituto do Pai real. Já no Complexo de Édipo, a culpa é existente devido ao desejo pelo incesto. A substituição do pai pelo animal-totem ocorre devido ao deslocamento de sentimentos ambivalentes, amor e ódio, do pai para o animal.

Por fim, Freud (1999), apresenta uma convergência do totemismo, da religião e da neurose com o complexo de Édipo. Em suas próprias palavras:

Ao concluir, então, esta investigação excepcionalmente condensada, gostaria de insistir em que o resultado dela mostra que os começos da religião, da moral, da sociedade e da arte convergem para o complexo de Édipo. Isso entra em completo acordo com a descoberta psicanalítica de que o mesmo complexo constitui o núcleo de todas as neuroses, pelo menos até onde vai nosso conhecimento atual. Parece-me ser uma descoberta muito surpreendente que também os problemas da psicologia social se mostrem solúveis com base num único ponto concreto: - a relação do homem com o pai. É mesmo possível que ainda outro problema psicológico se encaixe nesta mesma conexão. Muitas vezes tive ocasião de assinalar que a ambivalência emocional, no sentido próprio da expressão – ou seja, a existência simultânea de amor e ódio para os mesmos objetos – jaz na raiz de muitas instituições culturais importantes. (Freud, 1999, pp. 159-160).

Destarte, podemos observar que neste texto, *Totem e Tabu*, Freud mantém seu posicionamento inicial descrevendo a religião como uma neurose obsessiva universal, contudo atribuindo a ela, agora, o complexo de Édipo.

O futuro de uma ilusão

O futuro de uma ilusão foi publicado em 1927, quase quinze anos depois do último texto, *Totem e tabu*, que abordava os aspectos da religião. Na época, Freud, com 70 anos, mais maduro, já tinha dedicado seus estudos a outros temas como medicina e psicoterapia. Retorna aos problemas culturais que abordara no começo da carreira. Com *O futuro de uma ilusão*, adentra no estudo do tema que veio a consistir no seu interesse principal pelo restante da vida. Nele faz uma mudança em sua análise sobre religião, que até então atentava para sua origem e passa a ser vista agora como fenômeno cultural.

Na busca de entender a religião como aspecto cultural, Freud inicia com uma análise da cultura. Em alguns momentos do texto, a partir, propriamente, do termo cultura e em outros, civilização, de modo que ambos, cultura e civilização, possuem o mesmo significado.

Termos que, para o autor, representam algo característico do ser humano, que o diferencia de outros seres como animais e plantas. A cultura se constitui de todo conhecimento humano, do qual este se utiliza para controle da natureza e obtenção dos benefícios que dela pode lhe advir; serve também como forma de leis e regras regulamentadoras de suas relações em geral.

Segundo Freud, a cultura possui como composição a característica de controlar os indivíduos para que não cometam seus desejos, pois, sem esta ordenação, poderiam transgredir regras e costumes que regulamentam a organização comum. Como exemplo temos as questões de crimes contra os outros, canibalismo e incesto. Destaca, assim, o papel benéfico da cultura como organizadora dos indivíduos. Não obstante, aponta que tal controle possui uma característica desfavorável que são as exigências morais da civilização. Estas impedem o ser humano de manifestar seus desejos, induzindo o homem à insatisfação de suas vontades, gerando, assim, uma sociedade opressora. Logo identifica que a civilização humana vivencia, desde seu início, uma forma infantilizada que se constitui de regras rígidas opressoras dos indivíduos.

Há, pois, de acordo com Freud, fundamentos semelhantes ao desenvolvimento psíquico do ser humano na constituição da civilização. Ou seja, assim como os indivíduos possuem a fase infantil em seu desenvolvimento, dispondo de peculiaridades como restrições, rigidez e privações, também a cultura impede o desenvolvimento de si mesma e dos membros que a compõem. A saída para civilização, apontada por Freud (1996a), seria se tornar, não mais infantil, mas, desenvolver-se através da educação.

A civilização, porém, não pode operar de outro modo, de uma vez que o desenvolvimento, tão longo quanto a era, do gênero humano, está comprimida em uns poucos anos de infância; e é só através de forças emocionais que a criança pode ser induzida a se assenhorar da tarefa que lhe apresentam. Tais são, portanto, as perspectivas para sua 'primazia do intelecto'. (Freud, 1996a, p. 59).

Sem educação, a cultura vive como na infância, na ilusão de que haverá uma vida melhor, dadas as restrições que ela mesma se impõe. Seguindo nesta mesma linha de raciocínio, Freud (1996a) dá um passo adiante, identificando semelhanças entre cultura e religião. De acordo com ele,

As ideias religiosas surgiram da mesma necessidade de que se originaram todas as outras realizações da civilização, ou seja, da necessidade de defesa

contra a força esmagadoramente superior da natureza. A isso acrescentou-se um segundo motivo: o impulso a retificar as deficiências da civilização, que se faziam sentir penosamente. (Freud, 1996a, p. 30).

Podemos observar, então, que Freud constrói a ideia de um paralelo entre a cultura e a religião, destacando que esta possui as mesmas funções que aquela. A saber, de organizar, controlar e privar os indivíduos da realização dos desejos. Precisamente a religião também estaria num mesmo nível de desenvolvimento infantil como a cultura, restringindo os seres humanos na vivência de seus desejos. Contudo, Freud acrescenta à religião outros atributos que a cultura não dispõe como o criar um mundo além que console os seres humanos das dificuldades e opressões, vivenciados por eles na cultura, e a esperança de um mundo melhor, dando uma ilusão aos indivíduos que acreditam.

Às crenças em fatos não reais, Freud atribui a natureza de ilusão, o que está presente na fase infantil de desenvolvimento. Logo, a religião seria uma forma infantil, por constituir-se de ilusão. Como ilusão Freud descreve duas características importantes: 1) não é algo irreal ou falso, mas uma forma de crença que possui o intuito de satisfazer o desejo de quem crer; 2) é algo que inviável à verificação por meios comprobatórios empíricos. Imediatamente, a religião seria uma forma de ilusão. Em primeiro lugar, por estabelecer fatos cujo propósito é satisfazer um desejo do crente, proporcionar ao homem sentimento de bem-estar diante das dificuldades e incertezas da vida e da natureza. Segundo, a religião, por não se fundamentar em fatores verificáveis empiricamente, como fé, salvação e vida pós-morte, torna-se ilusão; logo, a religião é infantil.

Nesta direção, Freud aponta que tanto a nossa civilização como a religião se constituem de costumes infantilizados em sua origem que, para serem superados, faz-se necessário um novo sistema de organização, o que lhe está para além. Freud (1996a), afirma:

Se você quiser expulsar a religião de nossa civilização europeia, só poderia fazê-lo através de outro sistema de doutrinas, e esse sistema, desde o início, assumiria todas as características psicológicas da religião – a mesma santidade, rigidez e intolerância, a mesma proibição do pensamento – para sua própria defesa. Há que possuir algo desse tipo, a fim de atender aos requisitos da educação. E é impossível passar sem educação. (Freud, 1996a, p. 59).

Deste modo, Freud identifica que, diante da atitude infantilizada da cultura e da religião, faz-se necessário haver um sistema que possua atributos a proporcionar um

desenvolvimento no entendimento de mundo, desenvolvimento este que contenha aspectos de liberdade e de veracidade, que identifica poder ser encontrado na ciência. Afinal, esta se constitui de fatos verificáveis e não possui o intuito de satisfazer os desejos infantis, mas trazer a verdade. Em relação à ciência, Freud (1996a, p.63), afirma que “Não, nossa ciência não é uma ilusão. Ilusão seria imaginar que aquilo que a ciência não nos pode dar, podemos conseguir em outro lugar”.

Portanto, Freud conclui seu texto identificando que a religião é uma ilusão, por se compor de sistemas e fundamentos infantis, e que ilusão seria confiar em qualquer sistema de crença que não seja a ciência. Por consequência, é na ciência que está o futuro da civilização.

O homem Moisés e a religião monoteísta.

O livro "*O homem Moisés e a religião monoteísta*" foi publicado em 1939. Ele se constitui de três ensaios, sendo que os dois primeiros foram divulgados em 1937 e o terceiro com a publicação do livro. Este fato ocorreu devido às pressões externas que Freud sofreu principalmente pelos judeus, que temiam que a publicação do livro poderia ser perigosa para os judeus. Assim a intenção da obra é identificar a origem da religião, para isto Freud remonta ao judaísmo e tardiamente ao cristianismo, identificando assim que a origem do monoteísmo está vinculada à religião de Moisés.

Podemos afirmar que a obra se constitui de argumentos importantes como: primeiro a origem de Moisés como egípcio, segundo a argumentação freudiana sobre a história do monoteísmo judaico, e terceiro a interpretação psicanalítica da história monoteísta dos judeus. (Araújo, 2014).

O argumento sobre Moisés ser um egípcio está contido no primeiro ensaio, no qual ele apresenta esta afirmação decorrente a dois fatos; primeiro refere-se o nome de Moisés ser egípcio, logo este é egípcio; segundo argumento baseia-se na publicação de Otto Rank em 1909 do livro "*O mito do nascimento do herói*" que entende que todas as civilizações possuem a características de glorificar seus heróis por meio de mito.

Sobre o entendimento de Moisés ser um egípcio por causa do nome, Freud argumenta que é decorrente deste derivar do vocábulo egípcio, que significa criança. Posteriormente mesmo Freud (1996b, p. 20-21) não tendo certeza que através da origem de um nome poderia constatar a verdadeira nacionalidade, esta poderia dar indícios. "Ora

deveríamos esperar que uma das muitas pessoas que reconheceram ser 'Moisés um nome egípcio, houvesse também tirado a conclusão, ou pelo menos considerado a possibilidade, de que a pessoa que portava esse nome egípcio fosse ela própria egípcia".

Dando continuidade, observamos agora a hipótese de Moisés ser um egípcio devido a questão mítica. No livro "O nascimento do herói", Otto Rank apresenta que a civilização tem o costume de vangloriar seus heróis, através de mitos. Nestes mitos apresentam algumas características comuns; dentre elas, há o fato do herói ser abandonado, e passa ser criado por uma família substituta. A este fato interessa Freud por identificar que na história de Moisés há este atributo, ou seja, que Moisés possui duas famílias. Nesta direção podemos identificar em Araújo a possibilidade de entendimento de Freud sobre a analogia que ele faz entre o mito do herói e a história de Moisés. Conforme Araújo:

Um elemento típico dos mitos do nascimento dos heróis está em que o herói costuma ser abandonado, criado por pais adotivos e reconhecido mais tarde pelos seus verdadeiros pais. Assim, o herói tem duas famílias: aquela que lhe deu a vida e aquela que o salvou de um perigo e que dele cuidou. A primeira, que costuma ser de nível social elevado, é uma família fictícia; a segunda, que costuma ser de classe baixa, é a família verdadeira. Em suma, segundo o mito-padrão, o herói é originário de uma família nobre e adotado por uma família pobre.

O caso de Moisés contradiz o mito-padrão na medida em que ele é originário de uma família pobre, hebreia, e é adotado por uma família nobre, egípcia. Não obstante essa diferença, Moisés tem duas famílias; é o que interessa a Freud é que no mito do herói a primeira família é sempre uma família inventada, ao passo que a segunda, sim, é que é a família real. Segue-se, pois, que Moisés foi um egípcio: a sua segunda família é faraó. De acordo com Freud, a primeira família de Moisés foi inventada pelos judeus a posteriori, por motivos nacionalistas, com o objetivo de fazer dele um legítimo filho do povo judeu. (Araújo, 2014, p. 55).

Assim com tal entendimento Freud dá um passo adiante para sua argumentação sobre a história do monoteísmo judaico e apresenta o modelo de duas formas de religião a egípcia e a madianita, no qual nas duas há a figura de Moisés como líder. Eis o caminho que Freud traça:

Freud aponta que a primeira religião monoteísta da história da humanidade foi a religião egípcia, no qual a crença estava apenas num Deus único. Esta representação de divindade era simbolizada pelo disco solar, constituindo assim a religião de Aton. Por volta de 1375 a.c, sobe ao trono o jovem faraó Amenófis IV, da gloriosa XVIII dinastia. A partir de sua crença nesta religião Amenófis IV muda seu nome para Akenaton e construiu uma

nova capital real chamada de Aketaton; fazendo assim da religião Aton a religião oficial impondo a seus súditos a adesão a esta. Entretanto esta nova religião não teve uma adesão por parte dos súditos, apenas um pequeno grupo que estava próximo aderiu; sendo um desses Moisés.

Moisés por ser um egípcio de grande posição social e estar próximo do rei aderiu convictamente à religião de Aton; contudo após dezoito anos de reinado de Akenaton ele veio a falecer, e juntamente a nova religião foi banida e a capital foi destruída. Moisés não se conformando com a destruição da cidade pretende formar um novo reino, que iria manter a religião de Aton que os egípcios recusaram. Moisés escolhe o povo judeu para ser estes eleitos da nova religião, tornando-se assim a religião mosaica origem da religião Aton.

Deste modo ocorre a emigração dos judeus com liderança de Moisés para Canaã, entre os anos de 1358 a 1350 a.C, conhecido como êxodo. Portanto durante o êxodo Moisés foi assassinado pelos judeus, juntamente com ele a religião mosaica foi deixada de lado. Entretanto houve um grupo que mantiveram à proposta de Moisés, de dar continuidade a religião egípcia, eram os levitas.

Dando continuidade à sua explanação Freud afirma que no caminho para Canaã os judeus do Egito encontram com um outro grupo cuja origem remonta a região do Cades, próximo a Palestina e a Península do Sinai e Arábia, que são considerados os judeus madianistas. Desta forma ocorre a junção dos dois povos, os egípcios e dos madianistas, resultando em uma nova religião, cuja representação era um deus vulcânico de origem árabe, o deus Iahweh. A junção destes dois povos também proporcionou a origem do povo de Israel, e como fundador desta nova religião está a figura de Moisés, mas é um outro Moisés cuja origem era madianita. Esta nova religião passa a ter então, os judeus seguidores iniciais do Moisés egípcios que abandonaram a religião de Aton e os judeus madianitas que adotaram o culto ao deus Iahweh.

Contudo os levitas não conformados com o abandono da religião Aton, e no intuito de chegar um acordo e manter as tradições egípcias, exige que o sinal externo da religião de Aton fosse mantido, a circuncisão; assim os judeus madianitas adotaram o costume da circuncisão. A partir da aceitação da circuncisão foi possível manter a tradição da religião de Aton, com isto a religião do deus Iahweh possuía traços do deus mosaico, e assim a religião árabe possuía fatos de procedência egípcias. Deste modo a religião de Aton permaneceu presente, contudo latente, mas com o passar do tempo a religião de Iahweh perde suas características iniciais e assemelha-se cada vez mais ao deus Aton. Assim Freud chega à

conclusão que Moisés foi egípcio e que a religião monoteísta judaica veio da religião de Aton, da religião mosaica, (dos judeus egípcios). (Araújo, 2014).

A partir desta reconstrução que Freud faz da história do monoteísmo judaico é possível chegarmos às suas interpretações sobre este aspecto. Nelas Freud faz uma analogia da origem da religião monoteísta com a neurose, mais especificamente ao período de latência. Segundo Freud há entre um trauma e a irrupção da doença neurótica, o período de latência, como uma fase que a criança tem um momento de esquecimento, no qual o conteúdo do trauma é reprimido e retorna na puberdade; é um retorno do reprimido que culmina na neurose. Desta forma Freud da continuidade à analogia entre a religião monoteísta e a neurose, entendo que, assim como ocorre na neurose este momento de esquecimento, e o trauma é recalcado, na religião também desenrola neste mesmo processo, ou seja, devido o trauma decorrente da culpa da morte do pai, que posteriormente é esquecido, contudo é lembrado posteriormente ocorrendo assim o retorno do recalcado, da morte do pai. Conforme Freud:

Trauma primitivo - defesa - latência - desencadeamento da doença neurótica - retorno parcial reprimido: tal é a fórmula que estabelecemos para o desenvolvimento de uma neurose. O leitor é agora convidado a dar o passo de supor que ocorreu na vida da espécie humana algo semelhante ao que ocorre na vida dos indivíduos, de supor, isto é, que também aqui ocorreram eventos de natureza sexualmente agressiva, que deixaram atrás de si consequências permanentes, mas que foram, em sua maioria, desviados e esquecidos, e que após uma longa latência entraram em vigor e criaram fenômenos semelhantes a sintomas em sua estrutura e propósito. Acreditamos que podemos adivinhar esses eventos e nos propomos demonstrar que suas consequências semelhantes a sintomas são os fenômenos da religião. Visto que o surgimento da ideia da evolução não mais deixa lugar para dúvidas de que a raça humana possui uma pré-história, e visto que esta é desconhecida - isto é, esquecida -, uma conclusão desse tipo carrega quase o peso de um postulado. Quando aprendemos que em ambos os casos, os traumas operantes e esquecidos se referem à vida na família humana, podemos acolher isso como um prêmio altamente bem-vindo e imprevisto, que não foi invocado por nossos estudos até esse ponto. (Freud, 1996b, p. 95).

Nesta direção, no intuito de apresentar a semelhança entre a neurose e à origem do monoteísmo judaico, Freud faz a seguinte construção: como na neurose há um evento que constitui um trauma, na religião este trauma é o assassinato do pai primevo, que na religião judaica é o assassinato de Moisés egípcio; assim como na neurose há um esquecimento do trauma, (recalque do trauma), gerando assim a neurose, na história da civilização e mais

especificamente na religião monoteísta, há um esquecimento da civilização. Como este longo tempo de esquecimento é definido como período de latência no conteúdo da neurose, assim também, este longo período está presente entre o assassinato do pai primevo (Moisés) até o surgimento do monoteísmo. Por sua vez o nascimento do monoteísmo surge a partir do retorno do recalado, do reestabelecimento do pai primevo, que no monoteísmo judaico o retorno do recalado é a restauração de Moisés, na neurose há um retorno do trauma e assim consolidando a doença neurótica propriamente dito. (Araújo, 2014).

Em seguida, Freud dá continuidade a esta história, apresentando semelhanças também com o Cristianismo. Segundo o autor, o nascimento do cristianismo remete a morte de Cristo, a qual mais uma vez relembra o assassinato do pai primevo. Deste modo, o judaísmo, através da morte de Moisés, e o cristianismo, por meio da morte de Cristo, reeditam o assassinato do pai primevo; e podem ser pensados como novas formas do retorno do recalado. Portanto podemos identificar que a ressurreição de Cristo remete a ressurreição de Moises, por sua vez retrata a ressurreição do pai primevo, ou seja, o retorno do recalado. Assim Freud conclui que toda a história da religião, desde o totemismo primitivo até ao cristianismo, representa o retorno do recalado, o retorno da neurose recalada. Deste modo Freud retoma a perspectiva de que a religião é uma neurose, devido os primórdios da religião possuir semelhanças com a origem da neurose.

Conclusão

O percurso apresentado por nós neste artigo teve em vista evidenciar o pensamento de Freud sobre a religião a partir de seus textos mais importantes sobre o assunto. Como afirmamos no início do texto, não foi nossa pretensão, no entanto, oferecer uma análise exaustiva sobre o tema, nem mesmo abarcar todas as nuances do pensamento freudiano sobre o tema da religião, que sabemos, perpassa toda a sua obra. O que fica claro a partir da exposição dos textos é que se pode perceber uma mudança significativa sobre a forma que Freud vê a questão religiosa ao longo da sua vida. De uma ligação muito íntima à neurose obsessiva à fundação da cultura e da vida em sociedade. Dessa forma fica evidente que a religião desempenha em Freud um papel central na sua teoria e assim como toda a teoria psicanalítica freudiana, a religião também sofreu mudanças de interpretação pelo pai da Psicanálise.

No entanto, não podemos deixar de notar que a análise freudiana sobre a religião está longe de ser um olhar isento de todo o contexto cultural e fruto de uma certa “insatisfação” freudiana com o modo de funcionamento da religião judaico-cristã. Algo que é digno de nota também depois desse percurso é a ausência quase que completa da questão feminina na relação com a religião. Mesmo quando Freud vai analisar a questão católica é completamente esquecida a figura de Maria e a questão da figura materna no cerne da questão religiosa. Freud sempre deixou muito claro que a religião é sempre uma relação com o pai e nunca com a mãe. Esse tipo de “esquecimento” freudiano é bastante curioso para um autor tão perspicaz quanto Freud.

Outro ponto interessante a ressaltar depois dessa análise dos textos de Freud sobre a religião é que Freud dá muito pouca ênfase nos aspectos positivos da religião², mas foca quase sempre nos aspectos negativos, ilusórios, infantis da prática religiosa. Esse outro “esquecimento” é digno de nota, pois é fato conhecido de que a religião pode sim ser fonte de extremo auxílio para o sujeito, e nos dias atuais, com o renascimento de diversas noções religiosas, a psicanálise pode servir para auxiliar uma vivência não infantil da religião³.

Dessa forma podemos perceber que por mais perspicaz que tenha sido a percepção freudiana sobre o tema da religião, muita coisa ficou de fora de sua análise, o que claramente abre novas perspectivas para o debate entre Psicanálise e a Religião, tanto do ponto de vista teológico (uma vez que Freud evidenciou diversas dinâmicas inconscientes envolvidas nas formulações religiosas e como a relação do homem com Deus é perpassada pelos laços familiares; do ponto de vista antropológico, pois Freud fez notar a dependência de diversas dinâmicas psíquicas na formação da cultura e suas contribuições impulsionaram diversos autores posteriores⁴ que não podem prescindir das formulações freudianas em suas análises antropológicas.

2 Esse ponto é muito ressaltado por Pfister em suas cartas a Freud (1909-1939). Pfister faz um esforço grande para trazer para Freud aspectos positivos da vivência religiosa de forma a não reduzir a religião a apenas sua fase neurótica ou infantil. A proposta de Pfister marca a primeira tentativa de diálogo entre Psicanálise e Religião na história da Psicanálise. Sobre a crítica de Pfister à posição de Freud sobre a religião cf. VELIQ, Fabiano. Oskar Pfister e a crítica à concepção freudiana de religião. Revista Dissertatio. Volume [46] 2017. p. 93-104.

3 Sobre esse tema cf. VELIQ, Fabiano. O homem sem inconsciente de Massimo Recalcati. Elementos para pensar o debate entre Psicanálise e religião. Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 21, n2, jul./dez. 2018, p. 66-80

4 Para uma ênfase mais crítica da apropriação de aspectos da teoria freudiana na antropologia cf. Segato, Rita Laura. Antropología y psicoanálisis: posibilidades y límites de un diálogo. In J. Jiménez (Org.), Cultura, identidades y saberes fronterizos (pp. 101-122). Bogotá: Universidad Nacional de Colombia. (2005)

Referências

- ARAÚJO, Ricardo. *Deus analisado: os católicos e Freud: a recepção da crítica freudiana da crença religiosa pela Igreja Católica*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- FREUD, Sigmund. *Atos obsessivos e práticas religiosas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.
- FREUD, Sigmund. *O homem Moisés e a religião monoteísta*. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.
- FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 1999.
- FREUD, Sigmund. *Esboço de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2006
- FREUD, Sigmund. *Sexualidade feminina*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- PALMER, Michel. *Freud e Jung sobre a religião*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- SEGATO, Rita Laura. Antropología y psicoanálisis: posibilidades y límites de un diálogo. In J. Jiménez (Org.), *Cultura, identidades y saberes fronterizos* (pp. 101-122). Bogotá: Universidad Nacional de Colombia. (2005).
- VELIQ, Fabiano. Oskar Pfister e a crítica à concepção freudiana de religião. *Revista Dissertatio*. Volume [46] 2017. p. 93-104
- VELIQ, Fabiano. O homem sem inconsciente de Massimo Recalcati. Elementos para pensar o debate entre Psicanálise e religião. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v. 21, n2, jul./dez. 2018, p. 66-80.

